

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR COMO FORMA DE
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO
ESTUDANTE DO SÉCULO XXI**

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

Edilaine da Silva Freitas (UENF)

edilainefreitas_21@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasbf@hotmail.com

Sinthia Moreira Silva Ribeiro (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo discutir a atuação do professor de maneira que mostre a importância da prática dele na aprendizagem e na formação do jovem do século XXI, como forte influenciador do desenvolvimento integral do estudante. Sendo assim, o professor torna-se o mediador da aprendizagem do aluno, quando promove o máximo de oportunidades e experiências que despertem nele o desejo e a vontade de aprender, de querer saber mais. Este estudo é metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica, composta de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. A relevância deste trabalho encontra-se no destaque da importância de o professor obter noção da responsabilidade do papel que exerce na vida dos alunos. Desse modo, é necessário que tal profissional tenha um olhar diferenciado em relação ao desenvolvimento humano e o processo ensino-aprendizagem na prática em sala de aula, de maneira que desperte o interesse do estudante como principal protagonista na construção do conhecimento para uma educação integral.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Protagonista. Atuação do professor. Educação integral.

1. Introdução

“A curiosidade, o que é diferente e se destaca no entorno, desperta a emoção. E, com a emoção, se abrem as janelas da atenção, foco necessário para construção do conhecimento.”
(MORA, 2013, p. 66)

A interação entre professor e aluno torna-se mais dinâmica, devido aos avanços nos âmbitos social, educacional, tecnológico e do merca-

do de trabalho. Portanto, faz-se necessária uma atualização constante para acompanhar todas essas mudanças, contudo, essa não é a única e principal forma de alcançar os estudantes. Assim, a qualidade da mediação exercida pelo docente potencializará os avanços e as conquistas do jovem em relação à sua aprendizagem, desenvolvendo-o de forma integral, a fim de reconhecê-lo como indivíduo autônomo em busca de sua identidade, já que o professor é o mediador da aprendizagem do aluno, de maneira que representa figura importante para esse processo.

Conforme Vygotsky (1989, p. 78), a relação professor-aluno não deve ser de imposição, mas sim, de cooperação, de respeito e de crescimento, na qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. De tal modo, o professor assume um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão, cabe ao docente considerar também o conhecimento prévio do estudante, a bagagem cultural e intelectual dele, para a construção da aprendizagem.

Esse artigo traz consigo como objetivo geral discutir a atuação do professor de maneira que mostre a importância da prática dele na aprendizagem e na formação do jovem do século XXI, com a intenção de responder à seguinte questão-problema: Como a atuação docente pode favorecer aprendizagem e a formação integral juvenil?

Traça-se a partir daí os seguintes objetivos específicos: 1) Estabelecer significado e sentido ao desenvolvimento cognitivo e integral do estudante. 2) Demonstrar concepções de conhecimento relacionadas à prática pedagógica baseados em metodologias voltadas para as competências do século XXI. 3) Compreender em que ambiente está inserido o jovem, suas expectativas e projeto de vida para formação de sua autonomia. 4) Integrar tecnologias digitais e metodologias ativas no processo educativo integradas ao currículo em que os estudantes assumam o protagonismo em seu processo de aprendizagem.

Este trabalho se justifica ao tentar vislumbrar a articulação entre a prática pedagógica, as concepções de conhecimento e desenvolvimento cognitivo para uma educação integral, busca perceber os processos de ensino e aprendizagem como construção de saberes, no qual o professor não é o único que detém o conhecimento. Surgem, nesse contexto, alternativas fundamentadas em elementos que podem auxiliar na organização do trabalho escolar. Sendo assim, as experiências de aprendizagens configuram-se mais significativas na medida em que possibilita a formação integral em uma sociedade tecnológica.

Para responder à questão-problema, realizou-se uma pesquisa com levantamento bibliográfico de base qualitativo, ao utilizar autores que dialogam com a ideia e corroboram com a concepção da eficácia da atuação do docente no processo de aquisição do conhecimento para a construção da aprendizagem e a formação do jovem do século XXI.

A integralização de informações e os avanços tecnológicos na comunicação proporcionaram mudanças no modo de vida das pessoas e, conseqüentemente, no trabalho e na educação. A atuação dos profissionais da área de educação se remodela com a finalidade de atender às demandas dos jovens, não só na transmissão de conhecimento, mas também na busca da interação, estimulando-os a desenvolverem suas habilidades e concretizarem iniciativas e sonhos. Essencialmente, o professor necessita de conceitos básicos, como: educação, sociedade, aprendizagem, que são conhecimentos fundamentais para o êxito da atuação dele.

Assim, uma formação docente adequada envolve o conhecimento dos conceitos que fundamentam o fazer pedagógico, das metodologias, bem como do processo de desenvolvimento do aluno, a fim de estimulá-lo ao aprendizado. Nesse processo, insere-se a preocupação em relacionar o novo conhecimento com a emoção, caso contrário o saber torna-se sem significância (VYGOTSKY, 2001).

Da mesma forma, o professor precisa conhecer a realidade de seus alunos, como vivem e se relacionam com o meio, pois isso permite que ele se aproxime dos estudantes. Ao compreendê-los, o docente tem a possibilidade de atuar e interferir positivamente no processo educacional e na formação desses indivíduos, quando propõe atividades desafiadoras e estimulantes para que avancem e progridam na aprendizagem.

Para Vygotsky (2001), aprender é estabelecer, organizar, dar definição, enfim desenvolver as funções psicológicas especificamente humanas. Porém, para enfrentar a provocação de ensinar como uma possibilidade, precisa-se optar por mudanças nas quais o diálogo possa permear a capacidade de pensar, construir e internalizar o conhecimento.

O mundo atual exige indivíduos capazes de recriar suas aprendizagens e de se adaptar às constantes mudanças. Por conseqüência, as instituições de ensino precisam renovar a forma de compreender e de atuar diante dessa nova realidade. Assim, este estudo corroborará com as ideias de autores que apresentam concepções fundamentadas em uma educação integral.

2. *Significado e sentido do desenvolvimento cognitivo e integral do estudante*

A forma como os jovens se veem está relacionada à maneira como são vistos pelos adultos que os rodeiam. Nesse sentido, é necessário ver os estudantes a partir de seus potenciais, daquilo que são, do que sabem, querem. Todos nascem com potencial e são justamente as oportunidades educativas que propiciam seu desenvolvimento. Quais são os interesses, as paixões, sonhos, alegrias, medos e inseguranças dos estudantes? Reconhecer quem são eles é um passo essencial para aproximá-los da aprendizagem.

Na visão de Habernas (1987) citado por (LONGHI, 2008), a aprendizagem promove o aumento da autonomia, o que possibilita novas formas de pensar e agir e isso se incorpora as estruturas cognitivas humanas. De tal modo, que a confiança na capacidade de aprendizado do ser humano faz com que o papel do sistema escolar seja o de assegurar a aprendizagem da racionalidade comunicativa. Isso só será possível, a partir do momento em que o professor assumir o seu papel de mediador do processo ensino–aprendizagem, de maneira que favoreça a postura reflexiva e investigativa. Assim, ele irá colaborar para a construção da autonomia de pensamento e de ação, quando ampliar a possibilidade de participação social e desenvolvimento mental, capacitando os alunos a exercerem o seu papel de cidadão do mundo (SANTOS, 2013).

O que é vivenciado nas escolas, crescentemente, é que a aprendizagem está focada na transmissão e, não, em experiências vivenciadas de maneira reflexiva e ativa de forma que potencialize os questionamentos e a experimentação para uma aprendizagem mais significativa.

Ensinar e aprender tornam-se fascinantes quando se convertem em processos de pesquisa constantes, de questionamentos, de criação, de experimentação, de reflexão e de compartilhamento crescentes, em áreas de conhecimento mais amplas e em níveis cada vez mais profundos. (MORAN, 2018, p. 3)

Uma escola de qualidade para o século XXI requer uma visão de Educação Integral que vá para além da dimensão do desempenho acadêmico. O propósito maior é que os jovens possam ser formados por inteiro naquilo que são, no modo como convivem, em como se relacionam com a escola, com o conhecimento e com o mundo do trabalho. Para isso, é preciso que as ações educativas invistam no desenvolvimento da autonomia dos estudantes, ao aumentar as competências cognitivas e socioemocionais altamente estruturantes para viver no mundo atual, marcado

pela instantaneidade nas comunicações, pela complexidade e por mudanças velozes.

Papadopoulos (2002) diz que o caminho que trilharmos hoje na educação será determinante para que futuramente haja uma importante mudança social nos valores pessoais, materiais, culturais e no bem-estar dos cidadãos. A educação para o século XXI deve preparar os indivíduos para que tenham as qualidades necessárias para atuarem na sociedade que está por vir.

Desenvolver as competências cognitivas e socioemocionais necessárias para viver, conviver, aprender e produzir na sociedade do conhecimento e da inovação são desafios contundentes das políticas públicas brasileiras. Mas falar de Educação Integral não é abordar um assunto novo. De acordo com os levantamentos realizados pela SEEDUC (2015) essa concepção de educação que contempla a formação plena dos estudantes remonta, no Brasil, à década de 1930, com a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, idealizado por diversos intelectuais – dentre eles Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo – cujo objetivo era implementar um sistema de ensino público que integrasse diferentes frentes de aprendizagem. Teixeira também foi o responsável pela implementação, em 1950, do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Salvador, BA), primeiro modelo de educação integral bem-sucedido, e pela criação, juntamente com Darcy Ribeiro, das Escolas-classe e Escolas-parque, nos anos 1960 (Brasília-DF).

Essas experiências inspiraram Ribeiro, nos anos 1980, a implementar centenas de Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) no estado do Rio de Janeiro. Desde então, a ideia de educação integral ganhou força no debate educacional, entretanto, é preciso repensá-la a partir de um olhar contemporâneo que inclua os desafios que o século XXI apresenta. É no pensamento de Anísio Teixeira, um dos pioneiros do Movimento de 1932, que a perspectiva de Educação Integral em tempo integral ganha espaço:

[...] haverá escolas nucleares e parques escolares, sendo obrigada a criança a frequentar regularmente as duas instalações. O sistema escolar para isso funcionará em dois turnos, para cada criança [...] no primeiro turno a criança receberá, em prédio econômico e adequado, o ensino propriamente dito; no segundo receberá, em um parque-escola aparelhado e desenvolvido, a sua educação propriamente social, a educação física, a educação musical, a educação sanitária, a assistência alimentar e o uso da leitura em bibliotecas infantis e juvenis. (TEIXEIRA, 1997, p. 243)

Repensar o papel da escola no sentido de fomentar o desejo de aprender e vivenciar projetos que façam sentido na vida do educando tornará a aprendizagem um trajeto para sua formação quanto cidadão reflexivo e atuante na sociedade. Aproveitar o que cada indivíduo traz consigo como experimentação de vida e valorizar suas habilidades e formas de expressão faz com que deixe de ser um estudante passivo e se transforma no ator essencial de sua trajetória educativa, ou seja, o protagonista, com ações inovadoras e autônomas de sua própria aprendizagem de forma que dê significado e sentido ao seu desenvolvimento cognitivo. Uma Educação Integral pode ser vista como

[...] o desenvolvimento humano como horizonte [...], a necessidade de realização das potencialidades de cada indivíduo para que possa evoluir plenamente com a conjugação de suas capacidades, conectando as diversas dimensões do sujeito (cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica, estética, física, biológica). (GUARÁ, 2006, p. 16)

3. Prática pedagógica baseados em metodologias voltadas para as competências do século XXI

São múltiplos os desafios do Ensino Médio brasileiro que têm como causas um conjunto de fatores. Currículos fragmentados e desarticulados, pouco espaço para a personalização da aprendizagem pelos estudantes, distanciamento entre os saberes escolares e as situações vivenciadas na experiência cotidiana dos estudantes são alguns problemas que impactam negativamente os índices de aprendizagem e de conclusão dos estudos nessa fase de escolaridade.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2017, 1,3 milhão de jovens de quinze a dezessete anos ainda estão fora da escola. O Ministério da Educação, por meio do Censo Escolar da Educação Básica de 2017, indicou que a taxa de abandono de alunos do Ensino Médio foi de 6,1% e a taxa de reprovação foi de 10,5%. Cerca de 24,8 milhões das pessoas de 14 a 29 anos estão fora da escola no Brasil. O motivo principal para o afastamento das salas de aula foi o trabalho, citado por 41% dos jovens. A segunda causa evidencia um dos principais desafios da educação brasileira: a atratividade (IBGE, 2017).

De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 19,7% das pessoas não estão no sistema educacional por falta de interesse. Um estudo realizado pelo movimento “Todos pela Educação”, a partir de dados do Sistema de Avaliação da

Educação Básica (SAEB) de 2017, mostrou que, de cada dez jovens que se formam, apenas três possuem desempenho adequado em Língua Portuguesa e somente um, em Matemática (IBGE, 2017).

Nesse cenário, é urgente a necessidade de repensar em Políticas Públicas que tentem minimizar essa realidade e suas consequências. Diante de tais dados, a prática docente precisa ser revisitada e reformulada de forma a atender as expectativas do jovem do século XXI. Uma proposta de educação integral, que esteja fundamentada na formação plena do estudante e na concepção contemporânea de desenvolvimento de competências do século XXI, uma educação inovadora, que considera os jovens em sua plenitude e diversidade.

Para tanto, é necessária a adoção de metodologias que coloquem o estudante como protagonista de seu desenvolvimento cognitivo e socio-emocional e que o professor deixe de ser somente transmissor para ser mediador, desafiando-os a fazer parte deste processo de aprendizagem. Alega Moran (2018) que para isso acontecer, todo ambiente escolar – gestão, docência, espaços físicos e digitais – precisa ser acolhedor, aberto, criativo e empreendedor. Comparando o que acontece em muitas escolas (memorização, repetição, controle) com essa visão criativa e empreendedora da aprendizagem, constatamos o quanto ainda precisa-se evoluir para que todos tenham oportunidades interessantes de aprender e de empreender.

O conceito de educação integral compreende o desenvolvimento de competências para que o jovem possa atuar com autonomia na escola e na vida. Para superar o trabalho docente solitário e construir uma escola de educação integral, é fundamental ousar e desafiar-se na construção de um trabalho coletivo e colaborativo, ancorado à construção de uma comunidade de sentido e de prática. A base para a instauração de uma cultura colaborativa na escola é cultivar no dia a dia uma comunidade de sentido, no compartilhamento de memórias, valores, crenças, concepções e objetivos comuns.

Portanto, para o estabelecimento de uma cultura colaborativa na escola, tão importante quanto partilhar sentidos, é partilhar comportamentos e práticas. Por isso, quando a comunidade de sentido se desdobra como uma comunidade de prática, o sentimento de pertencimento ganha a força da ação. Uma comunidade de prática se constrói na ação participativa e corresponsável dos professores e equipe gestora na construção dos rumos e na rotina das práticas pedagógicas. A utilização de metodologias integradoras pelos professores possibilita o desenvolvimento de

competências que conjugam aspectos cognitivos e socioemocionais, além de se constituírem em excelente estratégia para que todas as disciplinas/áreas de conhecimento e projetos “falem a mesma língua”, dando coesão à diversidade.

Um projeto pedagógico para a Educação Integral considera as múltiplas dimensões da formação humana e os diferentes contextos em que acontece, como a família, a escola, a comunidade próxima e a cidade, buscando favorecer aprendizagens significativas relacionadas à convivência, à participação e à autonomia. (CHARLOT, 2004, p. 42)

A aprendizagem é mais significativa quando se motiva os alunos e eles acham sentido nas atividades propostas, assim, há espaço para as motivações mais profundas deles. De tal modo, os estudantes se engajam em projetos em que trazem contribuições, existe diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. E com isso, todos aprendem de formas diferentes e em ritmos variados com modos distintos de expressar sentimentos, crenças, desejos e pode-se utilizar essa interação para criar e estabelecer relações e aprender. A interação entre essas diferenças pode ser usada como mecanismo de aprendizagem, ao proporcionar ambientes de aquisição colaborativa.

4. Ambiente do jovem, suas expectativas e projeto de vida para formação de sua autonomia

Os contextos desafiadores de nosso século também não foram desprezados na formulação dos propósitos de uma educação integral para o século XXI. Em uma sociedade voltada para o conhecimento e a inovação, exige-se que os sujeitos sejam capazes de acessar, selecionar e construir discursos frente a um volume substancial de informações e de conhecimentos disponíveis, ao interagir cotidianamente a partir das tecnologias da comunicação e da informação, quando pensa e age de modo crítico diante de questões progressivamente mais complexas, de maneira que elabora soluções criativas para os problemas e faz escolhas consistentes com seus projetos de vida, tornando-se assim protagonista de sua própria aprendizagem.

Nesta nova perspectiva, aprender deixa de ser um simples ato de memorização ou acúmulo de informações. E ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. O conceito de ensino e aprendizagem ganha novo significado, deixando de ser um fim em si mesmo, desvinculado do contexto em que está inserido. Nesta postura, todo conhecimento construído em estreita relação com os contextos em que são utilizados. Sendo por isso mesmo, impossível separar aspectos cognitivos, emocionais e sociais

presentes nesse processo. Uma mudança cognitiva e, ao mesmo tempo, um processo individual e social. (ARROYO, 2011, p. 38)

De acordo com Costa (1999), o protagonismo Juvenil é um conceito que parte do princípio de colocar o jovem no centro da aprendizagem. Diz respeito a abrir espaços de escuta real ao estudante e de participação efetiva do mesmo no desenvolvimento dos mais variados processos de construção de conhecimento na escola. Dessa forma, o jovem tem a possibilidade de, a partir do seu perfil, interesses, referências culturais, relacionais etc., personalizar a sua trajetória escolar. Os professores, por sua vez, passam a mediar os conteúdos de outra forma, abrem espaço para a participação dialogada na sala de aula, estimulam a aprendizagem colaborativa, investem em outra concepção de avaliação. O protagonismo juvenil, assim, se constitui num poderoso elemento norteador para a atuação de toda a escola, auxiliados por Metodologias que desenvolvam as competências para o século XXI: Resolução de problemas, pensamento crítico, abertura para o novo, autoconhecimento, criatividade, colaboração e responsabilidade.

Portanto, o patamar a partir do qual se organiza uma escola que pensa e propõe Educação Integral precisa considerar os saberes, as histórias, as trajetórias, as memórias, as sensibilidades dos grupos e dos sujeitos com os quais trabalha, tecendo as universalidades expressas nos campos clássicos de conhecimento. (MOLL, 2007, p. 63)

Para o desenvolvimento de uma aprendizagem em torno do projeto de vida do aluno é necessário compreender, apoiar os interesses e expectativas de cada um, de maneira a promover uma aprendizagem personalizada cuja perspectiva surge em torno das suas investigações e de como resolver seus problemas e desafios diante dos projetos como forma de construir seus conhecimentos e deixando de ter uma postura passiva para ativa em seu papel de estudante.

O projeto de vida é um componente curricular transversal importante, que visa a promover a convergência, de um lado, entre os interesses e paixões de cada estudante e, de outro, entre seus talentos, histórias e contexto. Estimula-se a busca de trilhas de vida com significado útil pessoal e socialmente e, como consequência, pretende-se ampliar a motivação profunda para aprender e evoluir em todas as dimensões. (MORAN, 2018, p. 6-7)

São apenas projetos, porque estão em construção e suas formas de vivências sobre a vida ainda estão em grande transformação. Suas histórias estão sendo escritas baseadas nas observações do passado e projetando a respeito do futuro que os aguarda. Cada professor e suas atividades de ensino e aprendizagem podem contribuir para que cada aluno co-

neça melhor suas potencialidades. Um ambiente afetivo e seguro faz com que cada aluno possa explorar seus desafios, superar seus medos, compartilhar seu percurso. Acompanhar essa caminhada e apoiar suas projeções é missão de todos os professores, que servirão de mediadores desse percurso de elaboração do projeto de vida de cada um em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora.

5. *Integralização das Tecnologias Digitais e Metodologias Ativas no processo educativo integrados ao currículo em que os estudantes assumam o protagonismo em seu processo de aprendizagem*

O mundo de hoje muda com uma rapidez quase impossível de ser acompanhada, em todos os aspectos, pelo ser humano, portanto, torna-se algo quase possível de ser acompanhado. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de informação, em sua grande influência e utilização no contexto social remete a uma necessidade na qual a escola necessita se atentar e se abrir às mudanças que a sociedade no mundo digital exige para socialização das novas gerações, afinal, “a educação é cobrada a comprometer-se com o desenvolvimento de competências para o uso da ciência e tecnologia, resolução de problemas e novos contextos” (SOARES, 2000, p. 77).

Assim, deve-se refletir a respeito da atuação do educador em tempos velozes de informações, tecnologia e conhecimento. Caberá ao professor o papel de reavaliar sempre que possível, em busca, dentro das possibilidades, novas aquisições a respeito da maneira de ensinar. Freire (1998, p. 43) diz: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Sendo assim, é preciso que o educador reflita sobre sua prática, de forma que deseje favorecer a autonomia do ser dos educandos; estabelecer uma intimidade entre os saberes e a experiência social que eles têm como indivíduos colaborando para que o conhecimento encontre em si um novo sentido. Os professores precisam se preparar para capacitar os alunos com as vantagens que a tecnologia pode trazer, analisando os processos, realizando a apropriação dos resultados e acompanhando cada etapa e intervindo quando necessário. Para Soares (2000, p. 77), a educação é cobrada a comprometer-se com o desenvolvimento de competências para o uso da ciência e tecnologia, resolução de problemas e novos contextos.

Buscar o desenvolvimento de habilidades através da utilização de recursos tecnológicos no ambiente de aprendizagem de maneira que gera uma interação ainda mais significativa com os conteúdos e um ambiente rico e cheio de possibilidades de informações ao ser capazes de investigar, explorar as possibilidades do conhecimento. Logo, ambientes de aprendizagem ricos em TICs podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia, tanto em termos socioemocionais quanto cognitivos. Na concepção de Coscarelli (2016, p. 154) as TICs têm o papel de facilitar e promover conhecimentos significativos no processo de letramento, bem como na construção do conhecimento e de instrumentos para uma nova forma de educar, estimulando as múltiplas inteligências e facilitando o processo educacional. A aprendizagem humana é um processo contínuo de transformação no qual o educador colabora para o desenvolvimento dos seres humanos que vivem num mundo de mudanças intensas e rápidas. O educador é o parceiro mais experiente e deve aproveitar as oportunidades como desafios para conduzir de forma eficiente o trabalho escolar.

Dessa forma, a utilização das TICs é um meio para facilitar o desenvolvimento individual e coletivo de conhecimentos, habilidades e novas capacidades, quando gera a integração das tecnologias digitais aos ambientes educacionais, contribuindo para uma educação integral mais atual e capaz de formar alunos protagonistas capazes de enfrentar os desafios do século XXI.

A configuração dos espaços interativos oferecidos pela cultura digital tende a descentralizar o papel do educador e a permitir aos alunos tomarem para si mesmos as rédeas de sua própria aprendizagem, tornando-se menos passivos e mais participativos. (ZACHARIAS 2013, p. 28)

Faz-se necessário refletir e discutir a respeito das TICs no ambiente escolar para o professor se apropriar e da eficácia de seu uso. Um desafio que precisa ser estudado e compreendido, para que a aplicação desses recursos possibilite nossos alunos a terem novas experiências que contribuam para a formação de cidadãos críticos em uma sociedade digital. De acordo com (ARROYO, 2011, p. 52) “Não se concebe o conhecimento enquanto ação, considerando como coisas opostas, o saber e o fazer, a teoria e a prática, o trabalho intelectual e o trabalho manual, a ciência e a cultura”.

As tecnologias digitais contribuem para uma aprendizagem ativa, criativa e crítica. Cada indivíduo que esteja inserido no mundo digital desenvolve uma ação colaborativa, portanto, é fundamental levar essa ferramenta para o currículo escolar juntamente com metodologias que pro-

picciem o desenvolvimento da capacidade cognitiva e emocional de cada aluno. Conforme Coll (2010), citado por Moran (2018, p. 11), escolas deficientes em integrar o digital no currículo são escolas incompletas, pois escamoteiam uma das dimensões básicas na qual os humanos vivem no século XXI, ou seja, conectados em rede, ao navegar competentemente entre mundos antes separados, hoje híbridos, em que a sinergia de processos não distingue fronteiras físico-digitais “realidade” presencial–digital–virtual.

6. *Considerações finais*

Tais questões, entre tantas outras possíveis, têm como perspectiva a inserção dos profissionais da área, professores e gestores educacionais, na trilha desse debate com o protagonista deste capítulo novo da educação brasileira que começou a ser escrito. Novidade que busca ancoragens no passado, estudos sobre o presente e projeções acerca de um futuro no qual a expressão “para todas” tenha sentido determinante.

Sendo assim, fica clara a necessidade de renovação e significação do processo de ensino e aprendizagem e para que os jovens estudantes sejam capazes de protagonizar sua própria história e fazer as escolhas de acordo com suas competências, assim como, a utilização de uma visão nova dentre as diferenças individuais nesse processo, porque é necessário trabalhar com a intenção de desenvolver as diferentes competências presentes em uma sala de aula. Desse modo, haverá no futuro profissionais que, de fato, serão formados em sua plenitude.

Visto que a educação do século XXI é desafiadora, faz-se necessário que os profissionais repensem na sua atuação em sala de aula, pois, para ser um mediador eficaz em meio de tantas mudanças e acompanhar a globalização da informação, é imprescindível uma atualização constante, ou seja, formação permanente, de maneira que possam acompanhar as novidades, e tendo em um de seus diferenciais a responsabilidade de ter um profissional que atua na construção do conhecimento e educação dos alunos. Uma outra questão importante é o avanço nas áreas tecnológicas que propiciam uma proximidade com qualquer conteúdo que os jovens necessitem ou desejem. Impossível ter a mesma escola e as mesmas metodologias do passado, pois os alunos são diferentes e apresentam diferentes competências cognitivas e socioemocionais e a escola precisa estar preparada para lidar com essa diversidade.

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteados de sua prática. Portanto, pode-se ressaltar ainda a importância da escola no âmbito social, pois os alunos necessitam de uma formação que os inspire em todas as áreas do conhecimento para que possam aprender a conviver, a autoconhecer-se, a colaborar com o outro e estar sempre aberto ao novo para analisar fatos e ideais com profundidade, afinal, é o sujeito presente na construção do conhecimento de forma que se possa posicionar mediante o contato com a herança histórica do saber humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- COSCARELLI, V. C. *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *A presença da pedagogia: métodos e técnicas de ação socioeducativa*. São Paulo: Global; Instituto Ayrton Senna, 1999.
- CHARLOT, Bernard. Projeto Político e Projeto Pedagógico. In: MOLL, Jaqueline (Org.). *Ciclos na Escola, Ciclos na Vida: criando possibilidades*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GUARÁ, Isa. É imprescindível educar integralmente. In: *Cadernos CENPEC*, n. 2, 2º semestre, p. 15-24, 2006.
- IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2017. Foram pesquisadas 362.555 pessoas e 148.697 unidades domiciliares, distribuídas por todas as unidades da federação. Disponível em: <encurtador.com.br/crtKR>. Acesso em: 18 de ago. 2019.
- LONGHI, Armindo José. *Ação educativa e agir comunicativo*. Caçador: Unc caçador, 2008.

MOLL, Jaqueline. Da crise da escola e de seu re(encontro) com a vida. In: QUIJANO, G.M.R. (Org.). *Jornada de Educação Popular: pelo encontro da escola com a vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MORA, E. *Neuroeducación: sólo se puede aprender aquello que se ama*. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

SANTOS, Elenir Souza. Trabalhando com alunos: subsídios e sugestões: o professor como mediador no processo ensino aprendizagem. In: *Revista do Projeto Pedagógico; Revista Gestão Universitária*, n. 40. Disponível em: Acesso em: 18 abr. 2013.

SOARES, S. G. *Arquitetura da identidade: sobre educação, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (SEEDUC). *Diretrizes para política de Educação Integral: Modelo pedagógico*. Rio de Janeiro, 2015.

PAPADOPOULOS, G. S. Aprender para o século XXI. In: DELORS, Jacques *et al.* In: *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação do século XXI*. São Paulo: Cortez, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

VYGOTSKY, L. S. *O pensamento e a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZACHARIAS, V. de C. *Os ambientes digitais e as práticas de leitura: uma análise de atividades do Portal do Professor do MEC*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BRASIL. Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <encurtador.com.br/gwzER>. Acesso em: 18 de ago. 2019.

COMPETÊNCIAS socioemocionais. 2014. Disponível em: <encurtador.com.br/fHQ03>. Acesso em: 18 de ago. 2019.

ELORS, Jacques (Org.). *Educação um tesouro a descobrir* – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. Edição. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, Nilson José. Sobre a ideia de competência. In: PERRENOUD *et al.* *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.